Cerzindo a docência,

a Educação em Ciências, gêneros e sexualidades com linhas miúdas de uma prática bolseira

Organizadores:
Sandro Prado Santos
Matheus Augusto Ribeiro de Rezende
Matheus Moura Martins



Pedro & João editores

Cerzindo a docência, a Educação em Ciências, gêneros e sexualidades com linhas miúdas de uma prática bolseira

Pedro & João editores

Sandro Prado Santos
Matheus Augusto Ribeiro de Rezende
Matheus Moura Martins
(Organizadores)

Cerzindo a docência, a Educação em Ciências, gêneros e sexualidades com linhas miúdas de uma prática bolseira

Pedro & João editores

Copyright © autores e autoras
Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Sandro Prado Santos; Matheus Augusto Ribeiro de Rezende; Matheus Moura Martins [Orgs.]

Cerzindo a docência, a Educação em Ciências, gêneros e sexualidades com linhas miúdas de uma prática bolseira.
São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 96 p. 16 x 23 cm.

ISBN: **978-65-265-3299-7** [impresso]
ISBN: **978-65-265-3301-7** [digital]

1. Formação docente. 2. Sexualidade. 3. Ciências. 4. Educação básica. I. Título.

CDD 370

Capa: Marcos Della Porta
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Ida Conceição Andrade de Melo
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

Dedicatória

Para as docências bolseiras
e praticantes do menor.

SUMÁRIO

Apresentação……9

Carta à criança-viada: o Retorno, às cores, às plantas……..17
Keyme Gomes Lourenço

Carta aos seis mundos que passaram a habitar minha mesa……23
Franklin Kaic Dutra-Pereira

Caixas que desacomodam: memórias formativas de uma professora de Ciências...33
Alessandra Pavolin P. Ferreira

Carta a quem tem fúria.....41
Mariana Gabriele dos Reis

Carta para professoras que têm coragem de viver com medo……..47
Maria Cláudia Dal'Igna

Outros possíveis na docência em Ciências e Biologia: o enfrentamento ao pânico moral..55
Dayana Brunetto

Carta às professoras: um convite para olhar no espelho……63
Bettina Heerdt

O Encontro com uma prática bolseira aos modos de Ursula K. Le Guin……...71
Sandro Prado Santos

"Carta-desabafo-esperança" ao/à estudante de Ciências Biológicas (ou*, sobre a necessidade dos tempos de cuidado*).....77
Nivaldo Aureliano Léo Neto (Caju)

Carta às docências……..83
Raul Alvim Capistrano

Sobre os organizadores……91

Sobre as autorias……93

APRESENTAÇÃO

> *[...] para evitar que não haja mais estórias a contar [...] as palavras da outra estória, a estória não contada, a estória da vida [...] seria bom começar [...]* (Le Guin, 2021, p. 21).

Este livro nasce do desejo de costurar frestas, abrir escutas e desacelerar os passos, para encontrar o que pulsa nas miudezas da docência com os gêneros e as sexualidades. Não se trata de uma coletânea de prescrições pedagógicas, mas de um livro-bolsa que, cerzido com linhas miúdas, guarda afetos, estórias de vida, memórias e enfrentamentos (Santos, 2025). As dez cartas aqui reunidas foram gestadas nos encontros e parcerias com professores/as que apostaram conosco nas travessias do projeto de extensão "Cerzindo a docência, a Educação em Ciências, gêneros e sexualidades com linhas miúdas de uma prática bolseira[1]", viabilizado pelo apoio

[1] O projeto teve como objetivo criar espaços de diálogos por meio de cartas, no campo da formação de professores/as, que ativassem um pensar coletivo e bolseiro com experiências educativas menores,

institucional da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia (PROEXC/UFU), por meio do Programa Extensão Integração UFU/Comunidade (PEIC) — Edital PROEXC Nº 91/2025.

Expressamos aqui um agradecimento fundamental à PROEXC/UFU, cuja sensibilidade e compromisso com a extensão comunitária e a formação docente tornaram possíveis o financiamento, a bolsa de extensão e a publicação deste livro-bolso. Agradecemos aos/às (futuros/as) professores/as que participaram dos encontros formativos do projeto e aos/às que, com suas parcerias, na escrita e autoria das cartas, viabilizaram a continuidade das redes de diálogos que deram corpo a esta obra enquanto espaço estratégico e formativo na criação de possíveis. Keyme, querid*v*! Estamos muito agradecidos e felizes com a capa do livro[2]. Gratidão pela sensibilidade de cerzir com afetos, formas e

encorajando criações de modos outros de viver, de fazer, habitar e contar estórias de gêneros e sexualidades na Educação em Ciências. Os encontros formativos aconteceram no período de maio a agosto/2026.

[2] Imagem de capa gerada por Inteligência Artificial (DALL•E3), a partir do *prompt* desenvolvido pela autoria.

traços a identidade visual deste livro. Sua arte trouxe em imagem o cuidado e a delicadeza das "linhas miúdas" que tecem nossa prática.

Inspirados na *Teoria da Bolsa da Ficção* (TBF), formulada pela escritora Ursula K. Le Guin (2021), propomos um deslocamento epistemológico na Educação em Ciências (Santos, 2026). Historicamente, a Ciência hegemônica e a formação de professores/as operam sob a lógica da *lança-arma*: uma narrativa heroica, centrada no controle, no binarismo, na regulação dos corpos e no extermínio do que escapa à norma biomédica e cisheteronormativa (Santos; Martins, 2026). A lança ataca, classifica, domina e mata. A proposta deste livro e das linhas miúdas que o forjaram é tensionar o protagonismo da lança em oposição ao da bolsa, "*para evitar que não haja mais estórias a contar*". A bolsa é um receptáculo, uma coisa de pôr coisas dentro. Uma prática bolseira na Educação em Ciências dedica-se a caminhar pelo campo da formação docente desacelerando o passo para coletar, guardar, cuidar e semear "*[...] as palavras da outra estória, a estória não contada, a estória da vida*", como nos alerta Ursula K. Le Guin (2021).

Guardar cartas em uma bolsa cerzida de linhas miúdas e línguas menores é um ato ético e político de resistência. Contra as ondas do

pânico moral, o apagamento dos gêneros e sexualidades nos currículos da Educação em Ciências e da formação de professores/as e os movimentos antidemocráticos, a escrita com cartas surge como um dispositivo metodológico capaz de acolher o que é frágil, o que é dissidente e o que recusa a violência do padrão. Cada carta deste livro é uma semente-testemunho retirada dessa bolsa para ser partilhada, relida e continuada.

Afinal, quais estórias habitam este livro bolsa? Ao percorrer as páginas desta obra, as pessoas leitoras serão provocadas por vozes docentes que se expõem, desabafam, teorizam e constroem redes de afeto que perpassam, inicialmente, olhares para o passado, para os corpos que desde a infância e a formação inicial se viram desacomodados pelas normas de gênero e sexualidade; os fazeres docentes na prática cotidiana, defrontando-se com as dúvidas, a rigidez do currículo de Ciências e a necessidade de fissurar o silêncio; posteriormente, fazem insurgir as perseguições, o pânico moral, as cicatrizes, mas também a recusa de ser cúmplice da violência; e encerram com saídas epistemológicas, éticas e agroecológicas/multiespécies.

Este livro-bolso é, acima de tudo, um convite e uma convocação. Convidamos você, docente da Educação Básica, estudante de

Licenciatura, pesquisador/a ou pessoas leitoras atentas, a abrir esta bolsa, retirar estas cartas e permitir que suas linhas desorganizem certezas e que nos convoquem a pensar: os gêneros também são cores e invenções; o ensino, o ato de pesquisar e as orientações de pesquisas constroem um mundo em que ninguém precisa pedir licença para existir; a imprevisibilidade do fazer docente e as inquietações causadas pela estratégia da "caixinha de dúvidas" em aulas sobre corpo e sexualidade; o esperançar freiriano para reivindicar a indignação e a fúria como combustíveis de transformação docente contra a apatia e a figura da "professora-heroína"; a recusa da figura da professora heroína ou missionária e a defesa de que olhar com coragem e cuidar pedagogicamente do medo permite vislumbrar a própria força profissional; a convocação dos docentes a não lavarem as mãos nem deixarem "sangue no currículo"; como provocar a docência a olhar para o espelho e identificar os privilégios e opressões que atravessam os corpos; como a prática bolseira se apresenta enquanto uma revolução do afeto, capaz de acolher ruídos com os gêneros e as sexualidades em sala de aula e na formação docente, como potências de continuidade da vida; a desacelerar e re-conhecer o outro nos territórios educativos por meio da tensão entre

a aceleração do cotidiano e a necessidade de um tempo de cuidado na formação docente, apoiando-se nas sabedorias insurgentes; e, uma ética terrena na qual a produção de conhecimento se faz com a presença viva dos corpos, em meditação e diálogo com a terra, recusando a neutralidade para tecer uma Educação em Ciências implicada.

Que a leitura destas páginas não se encerre no ponto final. Que estas estórias menores possam circular de mão em mão, provocar conversas em salas de professores/as, inspirar planos de aula, cursos de formação docente e animar a coragem de continuar tecendo uma Educação em Ciências mais sensível, viva e plural.

Pegue sua carta, escute seus ecos e passe a bolsa adiante...

22 de agosto de 2026
Em mais um dia de (re)existência!

Sandro Prado Santos
Matheus Augusto Ribeiro de Rezende
Matheus Moura Martins

Organizadores

Referências

LE GUIN, Ursula K. *A teoria da bolsa da ficção.* São Paulo: n-1, 2021.

SANTOS, Sandro Prado. Às/aos que praticam uma educação em biologia menor. In: SANTOS, Sandro Prado; SANTOS, Gabriela Peres dos Reis; REIS, Mariana Gabriele dos; MARTINS, Matheus Moura (org.). *O que pode uma carta?* Criação de possíveis com a docência, a Educação em Ciências, gêneros e sexualidades. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025, p. 67-74.

SANTOS, Sandro Prado. Ensinar biologia, ensinar vida: semeando possíveis com uma educação em biologia bolseira. *Educação em Foco,* ano 29, n. 58, p. 1-20, 2026.

SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura. Cerzindo a Educação em Biologia, gêneros e sexualidades com linhas miúdas de uma prática bolseira. In: FERREIRA, M. S.; SANTOS, A. V. F. dos. *Currículo e Ensino de Ciências:* articulações de pesquisa. São Paulo: LF Editorial, 2026, p. 117-131.

CARTA À CRIANÇA-VIADA:
o Retorno, às cores, às plantas

Minha criança-viada,

escrevo de um tempo que você ainda não conhece. Escrevo com as mãos manchadas de jenipapo, com os dedos atravessados por azuis, terras, verdes, ferrugens e pretos que ainda não tinham nome quando você corria pelo patio da escola tentando não ser vista. Escrevo para te contar uma coisa que ninguém soube te dizer quando você mais precisou: não havia nada de errado no seu corpo. Nada. O erro estava na receita que tentaram usar para te interpretar.

Eu sei que você vai apanhar dos meninos. Eu queria poder mentir sobre isso, mas não posso. Haverá dias em que a escola parecerá menos escola. Vão rir do seu jeito, da sua voz, da sua mão, do seu andar, da forma como você ocupa o recreio, da maneira como sua presença desmonta aquilo que ensinaram aos meninos sobre ser menino. Vão mandar você virar homem, falar certo, andar certo, tomar jeito. Vão dizer que é brincadeira. Vão dizer que é coisa de criança. Vão dizer que você precisa ser forte. E, muitas vezes, quando você procurar ajuda, ninguém virá. Mas a culpa nunca foi sua.

Eles dirão que isso é homofobia, porque talvez seja essa a palavra que consigam alcançar. Mas você, tão pequena, nem sabe ainda o que fazer com a palavra desejo. Você nem sabe ainda quem vai amar. Você é uma criança. Minha criança-viada! O que eles estão tentando corrigir em você não é uma prática sexual. É algo mais antigo, mais fundo, mais visível para quem vigia os corpos desde cedo. Eles tentam corrigir a sua expressão, seu brilho, sua desobediência, o modo como você já não cabe no gênero que escreveram para você antes mesmo que pudesse falar. Nós chamaremos isso um dia de Paradoxo do Retorno.

Guarda esse nome, mas não se assuste com ele. Ele é só uma maneira de dizer que existe uma força no mundo tentando devolver todas as diferenças para um mesmo lugar. Um mesmo corpo. Um mesmo sexo. Um mesmo destino. Uma mesma cor. Sempre um retorno. Essa força vai fingir que fala em nome da natureza, da ciência, da família, da religião, da escola, da lei. Vai dizer que há apenas dois caminhos e que você deve escolher aquele que já escolheram por você. Vai tentar transformar seu corpo em obediência. Vai tentar fazer da sua infância uma lição de masculinidade. Vai tentar te devolver ao lado de onde você nunca partiu inteira. Mas há uma coisa que eles não

sabem, - você não é retorno. Você é nossa germinação.

Anos depois, eu vou relembrar que você plantou várias árvores. Como não me lembrava disso? Nosso corpo lembrou. Haverá uma terra vermelha, uma muda dentro de um saco preto, uma professora chamando, um calor atravessando a pele. Você levantará uma pequena planta com as mãos de criança, e depois a memória se apagará quase toda. Mas a árvore continuará crescendo. Enquanto tentavam te diminuir, havia uma floresta se formando perto da escola. Enquanto queriam te ensinar a caber, você já estava plantando aquilo que um dia te chamaria de volta. Esse é o segredo mais bonito que venho te contar, um dia você vai voltar.

Não para obedecer. Não para pedir desculpas. Não para provar que sobreviveu. Você voltará para escutar o que ficou vivo. Voltará adulta, atravessada por perguntas, plantas, fungos, pigmentos, docência, pesquisa, medo e coragem. Voltará procurando cores. Encontrará jenipapos pendurados, frutos verdes, redondos, silenciosos, guardando dentro deles uma força de azular a pele. Você vai ralar, coar, aquecer, mexer, esperar. Vai descobrir que uma cor não nasce pronta. Ela precisa de encontro. Precisa de tempo. Precisa de corpo. Precisa de calor. Você também.

Durante muito tempo vão tentar te convencer de que existe uma cor correta para cada coisa. Cor de menino. Cor de menina. Roupa de menino. Voz de menina. Banheiro de menino. Nome de menina. Brincadeira certa. Corpo certo. Desejo certo. Futuro certo. Vão fazer da vida uma tabela pobre, com poucas casas e quase nenhuma mistura. Mas, um dia, diante das plantas, você vai entender que não há coisas corretas. Que tudo nasce do encontro. Que as coisas se deslocam.

Você vai perceber que os gêneros também são cores. Que os corpos também reagem. Que as sexualidades também têm pH, temperatura, estação, contaminação, acidente, excesso, resto, mancha, precipitação. Vai entender que aquilo que chamaram de erro talvez fosse apenas uma cor que ainda não tinham aprendido a ver. E vai doer lembrar quantas vezes você tentou se esconder para parecer menos diferente. Vai doer lembrar quantas vezes desejou ser uma cor mais aceita. Mas essa dor não será o fim da história.

Não vou te dizer que a violência foi necessária. Ela não foi. Nenhuma criança deveria precisar sobreviver à escola. Nenhuma criança deveria aprender sozinha que o mundo pode ser cruel com quem ameaça suas normas. Nenhuma professora, nenhum professor, nenhuma equipe gestora deveria assistir em

silêncio ao esmagamento de uma infância. A docência que se cala diante da criança-viada participa da receita que descarta cores. A sua docência criará cores.

Você vai crescer interpretando versões de si para escapar da humilhação. Vai inventar modos de proteção. Vai aprender truques, silêncios, fugas, respostas. Vai trocar de nome e de gênero. Vai se perder muitas vezes tentando descobrir onde termina a defesa e onde começa a vida. Mas, pouco a pouco, você vai recolher as partes que precisou esconder. Vai descobrir que há dignidade em não caber. Que há pensamento no desconforto. Que há conhecimento no corpo. Que há ciência também nas mãos manchadas, na planta que reage, no fungo que aparece, na criança-viada que insiste.

E, quando as plantas que você plantou forem cortadas, quando a árvores feridas deixarem seus frutos no chão, você ainda encontrará vida. Fará pigmento, fará laca, fará memória, fará parentes. Deixará fungos crescerem sobre as histórias, como se os esporos pudessem visitar a paisagem e devolver a ela outras formas de existir. Você aprenderá com seres pequenos, invisíveis, suspensos no ar. Eles te ensinarão que a vida não precisa pedir licença para contaminar. Que um corpo poroso não é fraco. Que sobreviver

também é ser penetrado pelo mundo e transformá-lo em outra coisa.

Minha criança, eu queria voltar ao pátio e te buscar pela mão. Queria entrar na sala, interromper a chamada, encarar os meninos, a professora, a direção, a cidade inteira. Você não é defeito. É criança-floresta em começo. É cor antes da receita. É uma pergunta que ainda não aprenderam a formular. Mas como não posso mudar aquele tempo, te escrevo.

Escrevo para que você saiba que o futuro não consertará tudo, mas abrirá frestas. Escrevo para dizer que um dia você transformará o retorno em outra coisa. Eles queriam que você retornasse à norma; você retornará à mata, às plantas, à paisagem. Queriam que você voltasse ao gênero imposto; você voltará ao jenipapo. Queriam que você apagasse seu jeito; você fará dele pigmento. Queriam uma criança obediente; encontrarão uma adulta cheia de cores, plantas, perguntas e rebeldias. E quando perguntarem, um dia, qual é a cor de uma criança-viada, você vai saber responder sem medo:- todas as cores que ela conseguir criar-com.

Com amor, revolta e jenipapo nas mãos,
Keyme de agora.

CARTA AOS SEIS MUNDOS QUE PASSARAM A HABITAR MINHA MESA

30 de junho de 2026,
João Pessoa – Paraíba, cidade onde o sol nasce primeiro.

Sentado na minha cadeira, arrodeado de livros no que insisto em chamar de escritório, depois de um dia inteiro de trabalho na universidade, dei por mim pensando na aula desta noite. "Permita-se ser." Era o título de uma poesia escrita por uma estudante. Não me lembrei do conteúdo discutido, do livro indicado, do artigo que preciso terminar de ler ou das teses que aguardam minhas observações. Lembrei daquela folha escrita a lápis grafite, lida logo no início da aula. Antes de voltar para o lugar, ela sorriu e disse apenas: "Pelo mês do orgulho.". A folha continua aqui. Não sobre a mesa. Em mim.

Orgulho de quê? De quem? Eu posso sentir orgulho?

A pergunta ficou me olhando por alguns minutos. Depois fez uma coisa que perguntas importantes costumam fazer: abriu uma porta que eu não esperava atravessar. Voltei a ser criança. Não o professor. Não o pesquisador. O

menino. O menino que ainda não conhecia a palavra "orgulho", mas já conhecia a palavra "viado", mesmo sem entender direito o que ela queria dizer. Ela sempre chegava antes de mim. No corredor da escola. Na rua. Na brincadeira que deixava de ser brincadeira. No riso dos outros. Cresci tentando corrigir o corpo. Endurecer a voz. Vigiar as mãos. Reaprender a andar. Descobri muito cedo que havia um jeito certo de ocupar o mundo e que eu, sem saber como, parecia errar esse jeito todos os dias.

Durante muito tempo pensei que a universidade seria apenas mais um lugar onde eu aprenderia a caber. A vida fez outra escolha. Ela me trouxe para cá não para esconder quem fui, mas para que outras pessoas não precisassem esconder quem são. Penso que é por isso que continuo aqui. Não porque acredito que a universidade seja um lugar pronto. Permaneço porque ainda há muita gente chegando aqui carregando o mesmo medo que um dia carreguei: o medo de existir em voz alta.

Enquanto essas perguntas insistiam em me acompanhar, percebi que esta carta já não me pertencia. Ela começou a procurar outros corpos. Outros percursos. Outras mãos. Foi assim que vocês chegaram e seis mundos passaram a habitar minha mesa.

Não chegaram juntos. Nem poderiam. Foram chegando aos poucos, ocupando as cadeiras da universidade, as conversas de corredor, os cafés apressados, as madrugadas diante de uma tela de computador. Primeiro apareceram como projetos. Depois como perguntas. Por fim, quando já era tarde demais para separar pesquisa de vida, passaram a habitar esta mesa. Uma de vocês entrou carregando livros como quem carrega gente. Descobri que havia personagens capazes de ensinar mais sobre gênero, desejo e existência do que muitos capítulos de Ciências. Aprendi que a literatura não entra na escola para ilustrar conteúdos; ela entra para desarrumar as certezas de quem acredita que há apenas uma forma possível de viver. Desde então, nunca mais consegui olhar para um livro sem imaginar quantas vidas cabem entre duas capas.

Outro chegou trazendo um quartel inteiro dentro do peito. Durante muito tempo pensei que a farda pesasse mais do que o corpo. Depois compreendi que o peso estava em tudo aquilo que ela exigia esconder. Foi com você que entendi que a dissidência nem sempre faz barulho. Muitas vezes ela apenas sobrevive ao fim do expediente. Volta para casa. Respira. Recomeça no dia seguinte. E quando não conseguirem mais controlar, será reformado.

Pensei quando uma outra trouxe consigo um tempo que a universidade ainda não aprendeu a respeitar. Enquanto editais, relatórios e plataformas cobravam produtividade, seu corpo lembrava que a vida não conhece cronogramas. Havia dias em que escrever era também gestar. Havia dias em que gestar era a única escrita possível. Foi então que compreendi que produzir conhecimento também pode significar interromper a pressa. Alguns corpos ensinam mais quando recusam a velocidade.

Rodando a mesa redonda aqui de casa, lembrei da primeira vez que uma de vocês entrou na sala da seleção. Alguém ao meu lado sussurrou: "Ela iluminou a sala." Concordei em silêncio. Depois vieram as caminhadas pela escola, as conversas, os mapas refeitos inúmeras vezes. Você nunca procurava caminhos prontos. Caminhava escutando os rastros. Foi com você que aprendi que cartografar relações étnico-raciais não é localizar pessoas em categorias. É devolver às pegadas negras o direito de permanecerem visíveis, mesmo depois de tantos séculos tentando apagá-las.

Houve também quem chegasse trazendo uma infância inteira pela mão. Entre uma lembrança e outra, apareciam bonecas quebradas, brincadeiras interrompidas,

professoras cansadas, salas de professores, desabafos que muita gente chamava de reclamações. Você escutava diferente. Onde diziam haver fracasso, encontrava invenção. Onde enxergavam esgotamento, encontrava política. Descobri que algumas escolas continuam de pé porque há professoras e professores que transformam o cansaço em insistência cotidiana. A última nunca vinha sozinha. Chegava acompanhada por tambores, folhas, rios, insetos, fotografias, crianças, árvores, encantados, ancestralidades. Trouxe um maracatu inteiro para dentro da universidade sem pedir licença. E ainda bem que não pediu. Há conhecimentos que morrem quando precisam de autorização para entrar. Outros dançam.

Hoje percebo que nenhum de vocês me entregou apenas uma pesquisa. Cada um me confiou uma parte da própria vida. E isso muda tudo, porque nunca começa no começo. Começa na primeira vez em que alguém percebe que seu corpo está sendo vigiado. Começa quando uma menina negra descobre que seu cabelo chega antes dela na sala de aula. Começa quando uma criança aprende que existem livros que precisam ser escondidos. Começa quando uma bicha entende que sobreviver também exige estratégia. Começa quando uma mulher escuta

que precisará escolher entre a maternidade e a ciência. Começa quando um tambor é chamado de folclore para que ninguém precise reconhecê-lo como conhecimento.

É por isso que eu nunca consegui orientar apenas textos. Sempre chegaram pessoas. Pessoas que carregavam perguntas maiores do que qualquer referencial teórico. Pessoas que, antes de aprenderem a pesquisar, precisaram aprender a continuar existindo.

Então, enquanto escrevo, a casa já dorme. E nessas traquinagens da vida, o ventilador espalha minhas anotações pelo chão. Recolho uma por uma. Reparo que nenhuma tem a mesma caligrafia. Algumas linhas saíram firmes. Outras tremidas. Em certas páginas apertei tanto o lápis que quase rasguei o papel. Em outras, deixei espaços em branco porque ainda não sabia como continuar. Acho que acontece o mesmo com as vidas.

Há existências escritas com medo. Outras com raiva. Algumas quase ilegíveis de tanto que foram corrigidas pelos outros. Quantas pessoas passaram a infância inteira tentando apagar de si o jeito de falar, de andar, de amar, de vestir, de sonhar? Quantas aprenderam que sobreviver significava escrever a própria vida em letra miúda para não chamar atenção?

Volto, então, à poesia daquela estudante. "Permita-se ser." Agora entendo por que ela

ficou em mim o tempo inteiro. Ela não era um conselho. Era uma pergunta dirigida a todos nós. Quem foi que decidiu que algumas vidas precisariam de autorização para existir?

Amanhã esta carta deixará de ser minha. Vocês a lerão de lugares diferentes. Talvez entre uma aula e outra. Talvez no intervalo de uma reunião. Talvez depois de um dia em que alguém tenha dito que discutir gênero não é papel da escola. Talvez depois de ouvir que o que fazemos e como fazemos "não é ciência". Talvez depois de ver um estudante esconder a própria voz para conseguir atravessar mais um dia. Se isso acontecer, não respondam depressa. Sentem-se. Escutem. Há vidas inteiras tentando falar antes mesmo da primeira palavra. Foi isso que vocês me ensinaram. Não há pesquisa sobre gênero e sexualidade. Há vidas que aprenderam a sobreviver ao gênero e à sexualidade que lhes impuseram. Não há pesquisa sobre currículo. Há corpos tentando permanecer vivos dentro dele. Não há pesquisa sobre escola. Há gente inventando maneiras de continuar existindo quando todas as pedagogias da normalidade decretam quem merece aprender, amar, ensinar e viver.

Eu sei, um dia esta mesa ficará vazia. Outros livros ocuparão estas prateleiras. Outros nomes aparecerão nas capas das teses.

Talvez ninguém se lembre desta carta. Não faz mal.

O que eu gostaria que permanecesse não é o meu nome. Nem o de vocês.

Gostaria que permanecesse o mundo que tentamos construir enquanto escrevíamos.

Um mundo em que uma criança viada não precise aprender a odiar o próprio corpo para chegar viva à universidade.

Um mundo em que Catarina não precise desistir do curso de Química por ser mulher trans.

Um mundo em que uma menina negra reconheça sua história antes que lhe contem a versão dos vencedores.

Um mundo em que gestar nunca seja entendido como interrupção da ciência.

Um mundo em que uma professora possa dizer a palavra "gênero" sem medo.

Um mundo em que um tambor também seja reconhecido como biblioteca.

E, se um dia perguntarem o que aconteceu nesta mesa, espero que ninguém responda que aqui foram escritas seis teses. Gostaria que dissessem apenas isto: **aqui algumas vidas deixaram de pedir licença para existir.**

Fecho a folha de papel.

Apago a luz do escritório.

Se essas anotações conseguirem deslocar uma única vida nessa direção, elas terão escrito muito mais do que títulos.

Terão escrito futuro!

Permitam-se ser.

Mas, sobretudo, não peçam licença.

Franklin Kaic Dutra-Pereira

CAIXAS QUE DESACOMODAM:
memórias formativas de uma professora de Ciências

Uberlândia, 28 de junho de 2026

Queridas colegas,

Eu não sei vocês, mas ser professora de Ciências da Natureza é uma das coisas mais desafiadoras que escolhi fazer e que faço todos os dias há alguns anos. E sim, foi uma escolha. Das diferentes possibilidades de atuação profissional que o curso de Ciências Biológicas proporciona, a docência não me brilhava os olhos. Muito pelo contrário, recusei por quase todo o curso de formação inicial a ideia de me tornar professora. As condições de trabalho a que somos submetidas, a violência institucional, a desvalorização social e profissional eram fatores que me afastavam da docência antes mesmo de experimentá-la. E que me acompanham cotidianamente, compondo o aspecto negativo – árduo e custoso, em alguns momentos fatigante, do desafio que é ser professora. Vocês também compartilham desse sentimento?

Mas foi ainda no curso de licenciatura, no âmbito dos Estágios Supervisionados e de dois projetos desenvolvidos na Escola de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia, que me permiti vivenciar e produzir experiment(ações) com/na docência. E, se há possibilidade de traçar um marco no tempo da minha trajetória formativa, é nessas vivências que começo a me forjar professora.

Em uma das disciplinas de Estágio Supervisionado, voltada à atuação no Ensino Médio, o professor de Biologia da turma em que o estágio seria realizado indicou o conteúdo que os(as) licenciandos(as) seriam responsáveis por ministrar. Para o nosso completo desespero, o professor indicou que trabalhássemos com o conteúdo de "Sistema Reprodutor". Afinal, poderíamos trazer as discussões mais recentes para a turma e conduzir um diálogo mais horizontal, segundo ele.

Era uma turma da Educação de Jovens e Adultos, com estudantes cuja faixa etária variava entre 20 e 65 anos. As marcas da religiosidade de alguns(mas) estudantes estavam presentes nas vestimentas e também em algumas tensões que já haviam surgido durante as aulas que pudemos observar. Como mobilizaríamos a discussão de um conteúdo marcado por "tabus" de forma informativa,

mas, ao mesmo tempo, inclusiva, pensando naquela turma? Compartilhamos nossas angústias com os(as) colegas licenciandos(as) e com nossas professoras de estágio.

A partir desse diálogo, construímos uma sequência de ensino que iniciava com a dinâmica do "Boneco do gênero" para abordar as distinções entre sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero; abordava as estruturas do Sistema Genital Masculino e Feminino (com algum destaque para o hímen); apresentava os métodos contraceptivos e finalizava com uma atividade de revisão, conforme orientado pelo professor da turma. Adotamos ainda uma caixinha de dúvidas, na qual os(as) estudantes poderiam depositar anonimamente seus questionamentos envolvendo o conteúdo abordado nas aulas.

Foi uma dessas dúvidas que me atravessou. A pergunta estava identificada. Era de uma das alunas idosas da turma. Uma mulher branca, de cabelos já grisalhos, que usava saias longas como marca de sua crença religiosa, e que nos questionava por que as relações sexuais sempre causavam dor. Após a aula, quando fazia a leitura dos papéis depositados na caixinha e me deparei com esse, a sensação era de que o tempo havia parado por um instante. Senti um aperto no peito, respirei fundo e precisei me recompor.

Como se precisasse recolher os cacos de mim que aquele questionamento fez estraçalhar. Lembro-me de pensar: como conceber e, mais ainda, como responder a uma outra mulher, uma com muito mais experiência de vida do que eu, e que, possivelmente, sempre sentiu dor nas relações sexuais? Naquele contexto, apostamos na Biologia como ciência de referência, e nos saberes médicos que buscamos para tentar encontrar um caminho para dizer que há possibilidade de sentir prazer nas relações sexuais, e que a sensação de dor ou prazer é multifatorial. Foi o possível, ainda que não me tenha parecido suficiente naquele momento. Não guardei aquele pedaço de papel, mas todas as vezes que me recordo desse momento a minha respiração ainda fica cortada.

Depois desse momento, vieram tantos outros. Um deles, em uma turma de 8° ano do Ensino Fundamental em que também adotei a caixinha de dúvidas anônimas, a pergunta foi sobre métodos de prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) nas relações sexuais entre pessoas com vulva. Esse questionamento me confrontou como sujeito que sequer já havia pensado sobre isso. Desestabilizou meu lugar de professora que já havia abordado em tantas aulas as estratégias de prevenção de ISTs no contexto da discussão

dos métodos contraceptivos em uma perspectiva heterocentrada e falocentrada. Mais uma vez, não tinha resposta para aquele questionamento. Ao buscar informações, não encontrei sequer menção sobre isso nos livros didáticos de Ciências a que tive acesso. E o que me deixou mais surpresa, a ausência de métodos específicos e das ferramentas adaptadas de prevenção disponíveis para relações sexuais entre pessoas com vulva. Levei a dúvida e meus poucos achados para dialogarmos na turma, o que rendeu boas discussões e também indignações.

Esses questionamentos, mobilizados a partir da mesma estratégia didática, aconteceram em diferentes momentos da minha trajetória profissional. O primeiro, ainda na formação inicial. Já o segundo, na minha atuação profissional como professora de Ciências da Natureza na rede municipal de Uberlândia. O primeiro talvez já anunciasse o que considero mais desafiador na docência: a minha implicação como sujeito que só existe como docente na troca com o(a) outro(a). Um diploma e/ou um cargo ocupado podem me dar o status de professora. Mas *ser* professora não se sustenta por eles, é algo que acontece na troca, na relação com meus(minhas) estudantes. E que para que aconteça me demanda entrega, presença, disponibilidade,

escuta. Me convida a olhar para o mundo e para mim a partir de outras lentes, produzindo (des)construções e deslocamentos. Às vezes, significa me (re)compor após um questionamento que produz abalos importantes para estar presente de forma ética e responsável com meus(minhas) estudantes.

Na prática, isso significou (re)pensar a minha atuação docente, assim como aconteceu na situação com a segunda caixinha de perguntas. Foi compreender que as discussões sobre corpos, gêneros e sexualidades compõem os espaços escolares e o currículo das Ciências da Natureza. Desse modo, não era algo que eu precisaria incluir nas minhas aulas, como um conteúdo ou tema adicional. Mas que eu precisaria ponderar sobre o modo como eram abordados nas minhas aulas, uma vez que, ao ensinar sobre métodos de prevenção de ISTs a partir de uma perspectiva heterocentrada e falocêntrica, eu ensinava quais corpos estavam autorizados a viver a sexualidade com direito à informação sobre prevenção de ISTs e quais formas de vivências da sexualidade sequer existiam nas aulas de Ciências, tornando este mais um espaço de apagamento e invisibilização desses corpos e sujeitos. Se a defesa era por uma atuação docente ética e responsável, seria preciso produzir uma prática docente que não produzisse violências

"veladas" pelo discurso das Ciências Biológicas.

Nesse sentido, a pergunta que por muito tempo ecoou e ainda se faz presente é "como fazer?". As vivências aqui relatadas foram gatilhos para uma incursão formativa nos Estudos de Gênero, Sexualidades, Feministas, Culturais, entre outros que têm me acompanhado na docência e também na pesquisa. Nas andanças por esses territórios, aprendi que não há respostas prontas, um modelo a ser aplicado ou uma estratégia única para lidarmos com as dimensões de gêneros e sexualidades nas nossas salas de aula de Ciências e Biologia. Mas há um compromisso com uma Educação em Ciências que considere a vida em suas diferenças, assumindo seus aspectos biológicos, políticos, sociais e culturais. Nessas leituras, pude apreender que esse compromisso tem sido materializado nas aulas de Ciências e Biologia a partir de diferentes práticas de ensino e estratégias didáticas e que as trocas de experiência entre nós, professoras(es), têm se tornado terreno fértil para criarmos outros modos de aprender e ensinar Ciências e Biologia sustentados por esse compromisso. Como vocês têm feito? Vamos partilhar nossas práticas!

Com afeto,

Alessandra Pavolin Pissolati Ferreira

CARTA A QUEM TEM FÚRIA…

Cerrado, outono de 2026.

Querida pessoa,

Dia a dia percebo no fazer docente, discente e no fazer gente uma inquietação, algo que formiga os pensamentos e faz mover o corpo e a mente em direção a outro lugar – o lugar das possibilidades e porquês. Escrevo a você pensando nessa vontade de saber o porquê, o como e o quando tudo se fez ou se transformou no que é, e que na sua essência de ser – está sendo – porque algo rege o mundo para que desse modo seja.

A essa altura, você já deve ter notado que os saberes não são fixos, eles mudam com os sujeitos que os carregam, são passíveis de questionamentos, de transformações para sua permanência ou subtração. O que direciona os saberes à persistência arrogante que os aloca em um posto de "verdadeiros", ou "essenciais" é a conformidade – essa sensação incômoda que leva à incapacidade de interferir na realidade, à inércia, à adaptação aos saberes já estabelecidos.

Penso nisso com o esperançar de Paulo Freire na ponta da língua, pronto para pular da boca e sair em alto e bom som na sala de aula, no consultório médico, no ponto de ônibus ou na mesa do almoço de domingo. E foi você que me ensinou a não engolir seco essas palavras que jogam para cima de nós quando, em tom de pesar, expressam seus "sentimentos" com o peito cheio de certezas de que somos heróis e heroínas da sociedade. Não quero ser heroína de estória triste, nem guerreira de um pátio escolar violento. A valorização que eu busco não se constrói com condolências.

Eu sei que isso tudo cansa, que viver a luta diária por justiça, respeito e dignidade é pesado, mas me diz se há possibilidade de viver de olhos vendados? Te confesso: sou a filha furiosa de uma família conservadora. Aquela que corta ao meio as falas misóginas ditas pelo tio inconveniente; chamada de língua afiada, menina brava e, às vezes, confundida com uma pessoa mal-educada – o que em muitas situações entendo como elogio.

Então sim, a indignação cansa, mas também transforma. Ela é antídoto para quando a realidade parece permanente, possibilita a ideação de um panorama menos violento, excludente e miserável. É um combustível potente, perigoso e explosivo que movimenta as mentes fadigadas, que buscam

por comburentes para reagirem, como uma esperança que possibilita a permanência da vida.

Mas... e se faltar esperança? Gostaria de te perguntar se também sente isso. Quem me dera ter um guia, um passo a passo que indicasse o melhor caminho a seguir quando a esperança deixar seu posto. Para esses momentos, o silêncio parece caber; ele se instala confortavelmente entre os acontecimentos e eu. Quando ele vem, passo a ser uma mera espectadora do acaso: observo, mas não sinto a necessidade de agir – o silêncio age por mim.

Dia desses, estava sentada em minha cadeira observando as crianças conversarem. Atenta a um grupo de meninos, percebi que comentavam sobre certas atitudes "de menina". Fiz o silêncio pedagógico — aquele que denuncia o descontentamento, às vezes tão alto e violento quanto um grito. Pouco a pouco as crianças se olhavam e calavam, conduzidas pelo corpo da professora que falava sem emitir som.

Foi a partir da fala dos meninos que agarrei a oportunidade, a deixa para questionar um saber arrogante que limita o brincar. Perguntei se existem brinquedos de meninas e brinquedos de meninos – justamente para alimentar aquela inquietação que me

toma e me leva ao fazer docente questionador e inconformado, que me conecta a minha raiz de filha furiosa. As respostas me surpreenderam, não pela finitude da dúvida, mas pelas possibilidades que abriram.

Enquanto todos falavam juntos sobre o assunto, notei pequenas discussões surgindo entre as crianças, que discordavam umas das outras e precisavam argumentar sobre suas ideias. Gosto de observar o posicionamento que tomam a partir da afirmação que recebem; gosto dos olhares que buscam os meus, como se precisassem de aprovação para seguirem argumentando.

O que me leva a compartilhar esse episódio com você não é exatamente o que responderam, mas como reagiram à discussão sobre o tema. Muitas crianças não tiveram sequer a oportunidade de questionar para quem são feitos os brinquedos — essas sentiram trincar uma ideia cristalizada. Outras sentiram-se contempladas pela possibilidade de exercer seu livre brincar, por terem crescido desejando brincar com algo que não lhes foi permitido.

O exercício de questionar o inquestionável é também o exercício de esperançar em um mundo destro. Afinal, sabemos bem que a interpretação do mundo se faz questionando e vivendo o mundo pelo

avesso, percebendo como são feitas as amarrações e os nós das linhas que conduzem as ideias e ideais. Perceber o brincar de carrinho e blocos de montar enquanto aprendizado lúdico para conhecimentos como solução de problemas e engenharia, e o brincar de boneca como uma perspectiva laboral do cuidado, nos permite ver como desenvolvemos habilidades e, muitas vezes, como reforçamos estereótipos.

Mais do que isso, nos permite ver como os gêneros modelam e disciplinam os corpos desde a infância. Ensinamos aos meninos o direito ao espaço, ao movimento amplo e ao risco, enquanto às meninas sobram os panos de prato em miniatura e o treino da contenção, do corpo que se recolhe e se vigia para cuidar do outro. Está tudo ali, no óbvio que ninguém questiona.

O questionar é uma borracha que apaga aquilo que foi marcado com caneta permanente. Abre caminhos para um pensar outro, utópico. É a esperança que surge, mas, para percebê-la, é necessário colher as estórias que nascem, acompanhar o movimento dos barcos e ser como um rio que sustenta a própria travessia.

Seguimos em diálogo e inconformismo,

Mariana.

CARTA PARA PROFESSORAS QUE TÊM CORAGEM DE VIVER COM MEDO

Sapiranga/RS, 26 de julho de 2026.

Querida professora,

Já se passou muito tempo desde a nossa última conversa. Peço desculpas por isso, mas não gosto de escrever cartas por obrigação. Escrevo porque preciso entender o que vivo, escrevo porque preciso me entender, escrevo para não sufocar em meio a um turbilhão de pensamentos e emoções, escrevo para regular a minha ansiedade, escrevo para me acalmar e escrevo para recuperar a minha energia. Assim, consigo ancorar corpo e mente no tempo presente.

Para escrever, preciso de um pouco de silêncio e de tempo para estudar o tema em análise. Depois de me tornar mãe de duas gurias gêmeas, consigo estar só apenas de madrugada. Ainda assim, de vez em quando, me pego sentada em minha cadeira, em frente ao computador, segurando uma delas – ou as duas – no colo. Eu levanto às 4 horas da manhã para trabalhar e, por vezes, elas despertam também. E assim seguimos.

Aprendo, diariamente, como escrever com e a partir desta experiência visceral e transformadora que é maternidade. Com ela, foi preciso mais: aprendi a desaprender sobre escrever para me inscrever de outros modos no mundo. Esta carta, por exemplo, não foi escrita em um dia. Precisei de muitos turnos para escrevê-la, porque julho no estado onde moro é período de recesso escolar, as crianças estão em casa e eu sigo trabalhando para planejar o próximo semestre letivo na universidade.

Como já fizemos em diversas outras ocasiões, partilho contigo alguns desafios para refletimos juntas sobre a produção das desigualdades de gênero e de sexualidade nos processos editorais (publicação em livros e periódicos) no Brasil. A presença de mulheres na Educação e na profissão docente, nas escolas e universidades, não é acompanhada, em grande medida, por transformações nas configurações dos sistemas de construção e divulgação dos conhecimentos científicos. Desde uma perspectiva de gênero e sexualidade – em intersecção com raça, classe, pertencimento religioso, geração, entre outros marcadores identitários – torna-se relevante usar um jogo de palavras para expor os (cis)temas que organizam e regulam a vida de mulheres, mães, professoras e pesquisadoras. Essa mesma normatividade posiciona homens

cisgênero, heterossexuais e brancos como grupo historicamente tratado como o padrão universal nas escolas e nas universidades, como grupo mais propenso a ascender e performar nas carreiras escolares e acadêmicas.

Preciso admitir, ainda, minha querida, que estou passando por um momento desafiador e estou procurando palavras para dizer o que preciso. Isso também adiou a escrita desta carta. Talvez seja melhor dizer que estou com medo de escrever, porque para mim isso funciona como "falar em voz alta" aquilo que não eu quero escutar. Dizendo de outro modo, escrever sobre o medo me convoca a olhar para os meus próprios medos como mulher, mãe, professora e pesquisadora.

A verdade é que professoras sentem medo todos os dias. E escrever sobre isso me dá medo. Não é da escrita que sinto medo. É do medo de não encontrar as palavras para mostrar a complexidade da docência quando costurada com o medo, é do medo de escrever e abrir espaço para ver o medo dentro e fora da gente.

[...] *Medo de ensinar. Medo de aprender. Medo de desaprender. Medo de não ensinar. Medo de começar. Medo de terminar. Medo de partir. Medo de ficar. Medo de dizer "sim". Medo de dizer "não". Medo da paz. Medo da violência. Medo de*

ser feliz. Medo de ser infeliz. Medo de amar. Medo de odiar. Medo do espaço público. Medo do espaço privado. Medo do compromisso. Medo de desejar. Medo do outro. Medo de mim mesma. [...]

A pergunta não é por que sentimos medo, mas sim por que nós professoras negamos que sentimos medo? Meu trabalho como professora dos pequenos e dos grandes tem me ensinado que nos tornamos especialistas em esconder o medo.

Desde as primeiras pesquisas que realizei, no início dos anos 2000 até hoje (2026, quando escrevo esta carta), passei a me interessar de modo mais detalhado pelo trabalho docente e pelos afetos que nos constituem. Tenho estudado o medo em diálogo com diversos campos de conhecimento: História, Filosofia, Psicologia, Psicanálise, Psiquiatria, Economia, entre outras. Esse diálogo me ensinou a tratar o medo como afeto político, como uma força produtiva, como uma tecnologia de governo, como uma estratégia de sobrevivência, como uma fobia que aprisiona e pode paralisar. Estou partilhando isso contigo, para pensarmos juntas, porque diante de tanta complexidade, muitas vezes, nos acomodamos com as explicações reducionistas sobre o medo na docência e aceitamos as abordagens polarizadas que nos fazem crer que o medo é algo ruim, que deve ser recusado por nós

professoras, que devemos esconder. Para um maior aprofundamento sobre o tema do medo, recomendo um texto que escrevi e publiquei no formato de um podcast: "Vivo a docência com medo e coragem".

Nesta conversa, estou propondo fazer outro movimento analítico. Faço isso a partir de uma teoria pedagógica que tenho elaborado envolvendo o tripé da pesquisa, da formação e da carreira docente, a qual permite refletir criticamente sobre o que denomino "trabalho de cuidado" (Dal'Igna, Maria Cláudia, 2017; 2025) e "pedagogia das emoções" (no prelo). O que partilho contigo também está fundamentado no conceito de docência como afeto: "quem somos ou quem vamos nos tornando depende de muitos nós, fios de docência-afeto que vamos tramando para atar e desatar nós em nós e fora de nós, sobre nós e por nós" (Dal'Igna, 2023, p.137).

Vou alinhavar mais alguns fios para costurar medo, coragem e docência. Inicio explicando que estou trabalhando com duas premissas da teórica pedagógica. 1- proponho abordar o medo como algo que não é negativo ou positivo, bom ou ruim em si mesmo. 2- vou usar como chave de leitura teórica e metodológica a Pedagogia, reconhecendo-a como uma ciência que pode produzir saberes legítimos sobre o medo e a coragem e pode

criar subsídios para o trabalho docente. Escolho dois pontos para aprofundar um pouco mais essa conversa contigo.

O primeiro é que precisamos reconhecer o medo, porque ele nos permite percorrer um caminho dentro de nós mesmas. Se ignoramos o medo e outros afetos, vamos nos afastando da profissão docente, da sala de aula, das nossas turmas e de nós mesmas. Reconhecer o medo da morte, por exemplo, que nos acompanha como professoras, pode nos manter vivas e nos afastar dos perigos reais. Eu defendo uma teoria pedagógica que nos reconecta conosco para sermos capazes de formular estratégias pedagógicas para viver a docência com medo. Tem dias, na profissão docente, em que olhamos medo e vemos medo. Nestes dias, eu cuido de mim e peço ajuda. Como já afirmei em outro momento: "há dias na profissão docente que o mais importante é olhar com coragem para o medo e cuidar dele" (Dal'Igna, 2024).

O segundo ponto que desejo partilhar contigo é que precisamos ver além do medo. Se olho medo, vejo medo. Não vejo nada além dele. Ele me cega e não vejo minha coragem. Este é um caminho possível, mas não é o caminho que me interessa. Como defendi no primeiro ponto, ver o medo e cuidar dele possibilita, ainda, ver além do medo. A

docência nas minhas pesquisas e sala de aula é comparada, equiparada ao medo. O medo na docência é constante. Professoras vivem com medo. Isso pode se tornar insustentável. E nós temos muitos motivos para ter medo hoje: vivemos em um país que não fixa os limites necessários para conter/impedir/recusar as discriminações e violências. Hoje sinto, vejo, acolho e reflito sobre o medo. Que respostas pedagógicas posso elaborar a partir daí? Defendo que cuidar do medo pedagogicamente torna-se importante, porque permite questionar o medo como sentimento individual e situá-lo nesta arena coletiva. Isso pode nos fortalecer como grupo profissional para lutar contra a expropriação que nos arranca de nós mesmas, nos incapacita e nos faz adoecer.

O que estou defendendo aqui é um cuidado pedagógico que envolve coragem para olhar para dentro de nós, para derrubar os muros que construímos, para fazer perguntas para as nossas necessidades, para questionar hábitos, para ultrapassar nossos próprios limites, para entender o que não podemos controlar, para criar respostas (ainda que provisórias), para assumir as nossas responsabilidades éticas, políticas e pedagógicas. Não defendo que somos super-humanas/heroínas. Também não

defendo que somos missionárias e devemos adoecer insistindo em uma situação que não se modifica. O que defendo é o que podemos fazer. Acredito que precisamos nos manter fiéis aos nossos princípios de vida. Podemos desistir, podemos adoecer. Mas também podemos cuidar da gente, buscar nutrição para o nosso corpo e para a nossa alma. Podemos viver a docência com medo e coragem.

Se eu tivesse que confessar um dos meus maiores medos, buscaria inspiração na poesia de Liana Ferraz para dizer que tenho medo de me perder de mim.

Vou encerrar por aqui hoje. Eu gostaria de saber mais de ti. Isso que disse faz sentido? Como relaciona a tua vida de professora (pesquisadora e mãe, se for o caso), com o medo e a coragem. Agradeço se puder me contar na próxima carta. Abraço apertado em ti, minha querida!

Maria Cláudia Dal'Igna

Ps. Para saber mais sobre os trabalhos citados na carta, acesse:
https://www.instagram.com/mcdaligna/, e os *links* disponíveis na bio.

OUTROS POSSÍVEIS NA DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA:
o enfrentamento ao pânico moral Às/aos colegas professoras de Ciências e Biologia

Uma professora de ciências me inspirou. Além de ministrar aulas com uma didática que nos transportava para dentro das células, ela também relacionava o ensino com a nossa vida cotidiana e com o mundo. Foram inúmeras viagens. Nos aventuramos por muitos corpos-territórios. E por muitas dimensões da ação humana. Ela trazia para a sala de aula questões do mundo. E mesmo em uma cidadezinha do interior, para nós o limite da exploração e da aventura não existia. Mas o que mais me encantou é que ela não se deixou levar pelo pânico moral. Quis ser como ela. Me graduei em Ciências – habilitação plena em Biologia.

Minha professora de Ciências nos disse que um corpo como o meu, que não se encaixava nas normas regulatórias de gênero e sexualidade, esperadas para todas as meninas, era um corpo viável na escola. E que ela estava comigo. E esteve. Ela ainda está. Ela estava lá quando o professor de Educação Física não me deixou jogar futebol

por ser menina. Ela estava lá quando tive minha primeira paixão por outra menina. Ela estava lá quando minha família foi chamada na escola por eu ter beijado outra coleguinha na escola.

Ela estava lá e me acolheu, me amparou, me apoiou e me defendeu das investidas normativas das relações de poder e verdade na escola. E ela não era como eu. Ela sempre me disse que não era preciso ser como eu para se indignar com as injustiças e enfrentar as violências. Ela brigou pela minha existência, quando mais ninguém me apoiava. Ela estava lá quando a escola me colocou num limbo de abjeção. Ela estava lá quando tentaram me colocar como doente, como aberração, como um desvio da natureza, como um pecado, como um desgosto para a minha família, para deus e para a sociedade. Ela estava lá quando eu mais precisei.

Ela compartilhou e dedicou seu tempo para além do conteúdo de ciências e biologia, o qual ministrava com maestria. Ela estava já naqueles anos da década de 1980 e uma cidadezinha no interior do Paraná me ensinando que além de ministrar a nossa matéria, a gente tem um compromisso ético-político com as pessoas pelas quais nos tornamos responsáveis na medida em que

passam pelas nossas mãos e fazeres docentes. Ela estava lá.

Ela me mostrou que meus sonhos não tinham limite e que eu poderia sim ser quem eu era: sapatão, lésbica. Apesar do pânico moral que move a sociedade. Uma avalanche de discriminação produzida como um desdobramento da desobediência de não ser o que a sociedade espera de nós. Porque no imaginário social estamos atacando a família, ameaçando a reprodução da espécie e desagradando a deus. Ela estava lá no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. E ela foi extremamente importante para a minha constituição como sujeita política sapatão. Mas não só. Ela estava lá e ela também é responsável pela pessoa que me tornei. Orgulhosa de me colocar no mundo como sapatão. Sapatão sim, porque ressignificamos politicamente o que nos machuca.

O pânico moral criado em torno dos corpos lésbicos e sapatão foi confrontado com alguns poucos direitos conquistados pelas mulheres e pelas lésbicas e sapatão. Ela ainda está lá. Ela está lá enquanto o pânico moral só fez avançar nesses últimos anos. E ela segue firme nessa docência imbricada na defesa do direito de nos reconhecermos como sujeitas da nossa própria história. Ela entendeu, sem precisar de muitos diplomas

universitários ou títulos, que nós lésbicas e sapatão nos constituímos subjetivamente para além dos referenciais masculinos. Ela entendeu que como provoca Monique Wittig, se ser mulher significa estar disponível para servir os homens, sejam eles nossos pais, maridos ou filhos, nós lésbicas e sapatão não somos mulheres. Dispensamos esse posto tão dispendioso de sangue, suor e lágrimas.

Ela entendeu que o que a sociedade espera de nós, não conseguimos e não queremos dar. Nós lésbicas e sapatão não estamos disponíveis para servir aos prazeres, aos caprichos e às violências de pais, maridos ou filhos. Compreendia que com essa nossa rebeldia e recusa, afrontamos o modelo social de masculinidade heterossexual tóxica e frágil e que nos tornamos alvo preferencial das investidas de poder e das violências que atingem nosso corpo-território. Alvos preferenciais de estupros corretivos que tentam "corrigir" o que parece um erro da natureza. O lesbo-ódio, a lesbofobia, a erotização dos nossos corpos. Entendia que não há erro a ser corrigido na nossa forma de nos colocarmos no mundo como lésbicas e sapatão. Que pelo pânico moral nos tornamos as inimigas a serem eliminadas pela sociedade.

Assim como ela eu entendo que além de ministrar conteúdos de ciências e biologia, somos responsáveis pelas pessoas que passam por nossas salas de aula e pelas nossas vidas. Podemos ser a acolhida, o abraço afetuoso, o apoio. E também podemos nos omitir, porque somos pagas para dar a nossa aula e ir embora. Podemos ainda colocar fogo e incendiar o que já é demasiado doloroso. Podemos chamar a família. Podemos denunciar o que entendemos ser a lesbianidade da estudante. Podemos fazer chacota. Podemos hostilizar. Podemos inflar as narrativas de violências. Podemos encaminhar para a psicóloga. O que não podemos ignorar é que nossas atitudes diante de um corpo dissidente de gênero, (e não apenas no que se refere a identidade de gênero, mas também, e especialmente nesta carta, de expressão de gênero), ou seja um corpo sapatão na escola vai carregar as lembranças positivas assim como as cicatrizes das nossas atitudes docentes, e absolutamente todas as nossas atitudes referenciam como entendemos a sociedade, como pensamos em um projeto social mais amplo, como compreendemos a docência.

Já em Curitiba, na capital do estado nos anos 2000, atuando como professora de ciências e biologia numa escola estadual de

educação de jovens e pessoas adultas – EJA, me deparei com uma estudante que fugia do marido toda a tarde para estudar, dizendo que estaria na igreja. Ela me contou que tinha uma filha lida como sapatão pela sociedade. A menina tinha doze anos. Devido à cura lésbica feita na igreja e à lesbofobia na escola, a menina se suicidou. A dor dessa mulher era lancinante. E ela vinha para a escola para ocupar a cabeça. O remorso nas narrativas dela era muito presente. Ela dizia que se pelo menos ela tivesse ouvido a menina…. Tanto família quando escola falharam com essa menina. E ambas tem as mãos sujas de sangue.

Atualmente, atuo como professora de Didática na UFPR e ensino às/aos futuras/os professoras/es que a docência não é descolada do mundo. Que somos sim responsáveis por enfrentar o pânico moral que ataca as pessoas dissidentes. Somos sim responsáveis pelo enfrentamento das violências na escola. Somos sim responsáveis por construir uma trajetória escolar segura para todas as pessoas.

Então, essa carta é para você minha/meu colega professora/or de ciências e biologia. Se a gente ensinar tudinho de ciências e biologia para nossas/os estudantes e não nos envolvermos na prevenção às violências e

violação de direitos na escola, como docentes teremos falhado miseravelmente. O convite é singelo. Se inspire na minha professora de ciências e biologia e não tenha sangue no seu currículo. As lésbicas e sapatão e outras pessoas dissidentes agradecem.

Saudações lésbicas feministas!

Dayana Brunetto.

CARTA ÀS PROFESSORAS:
um convite para olhar no espelho

> Desafio alguém a relatar exatamente fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Conceição Evaristo (2016, p. 7)

Querida professora

Escrevo essa carta no feminino, mas espero que seja lida, por muitas pessoas, como Débora Diniz, não quero ofender nem a gramática, nem você, mas causar um incomodo, e iniciar esse diálogo desnaturalizando e desestabilizando a linguagem. Quero também te contar que não escrevo sozinha. Me uno com outras, para contar estórias, entre ficções e realidades que se entrelaçam, e o real sempre é comprometido, mesmo revestido pelo peso da

ciência. Essas outras mulheres me ajudam a inquietar meus pensamentos e emoções, para que outras formas de viver e estar no mundo sejam possíveis. Espero que essa inquietação te atinja!

Convido você, professora, a olhar no espelho, e pensar quem você é. Não acho ser uma questão fácil de responder, até porque estamos em constante processo de construir nossas múltiplas identidades. Mas vamos lá, observe atentamente cada detalhe, seja generosa e amorosa com você, quem e o que você vê? Escreva para mim antes de continuarmos, num pedaço de papel, leia com cuidado e olhe novamente. Considere os privilégios e as opressões que atravessam sua experiência de vida em razão de habitar um corpo inserido em uma sociedade marcada pela cisheteronormatividade, pela supremacia dos privilégios da branquitude, pelo adultocentrismo e pelo capacitismo.

Agora nos conhecemos um pouco melhor, faço um alerta, professora. Não devemos falar somente sobre questões que nos atingem, como nos ensina Sofia Favero, apesar da potência da experiência vivida, as alianças com quem está do "lado de fora" daquela realidade são necessárias. Temos, portanto, um dever ético-político. Nós professoras podemos falar de privilégios, como os da branquitude, da

heterossexualidade, da cisgeneridade, entre outras, e das opressões, sejam elas vividas ou não por nossos corpos. Não há ensino neutro. Não há ensino de ciências e biologia livre de ideologias. Portanto, que nossas escolhas sejam guiadas por uma ética política amorosa e acolhedora.

Professora, você já parou alguns instantes, durante suas aulas, seja como professora da turma ou estagiária, no processo de formação inicial, e olhou para os corpos que habitam e dançam aquela sala? Agora use o espelho, aquele que olhou para você, para suas alunas. Está vendo? Quantas pessoas diferentes. Algumas com cabelos longos que balançam, e outras usam os cabelos curtos. Há os lisos, encaracolados, crespos e ondulados. As peles apresentam muitas tonalidades. Nos pés, aparecem tênis de cores, modelos e tamanhos variados. Há dias que algumas crianças e adolescentes são mais falantes, gostam de compartilhar suas ideias, fazer perguntas e contar estórias, e em outros dias mais quietas e observadoras.

Como celebramos e respeitamos essas diferenças?

Aqui quero contar um pouco da história da própria ciência, mas especificamente da biologia, que muitas vezes, nos é ensinada como um conhecimento neutro e livre de

ideologias, e celebrada como a ciência que estuda a vida e sua diversidade, mas que muitas vezes, limita a vida, para alguns corpos. A cultura dominante da ciência assume a norma branca e marginaliza questões de gênero, raça, classe, e outros eixos de opressão. De quais vidas fala a biologia que ensinamos e estudamos?

Lembra das imagens dos livros didáticos, quando ensinamos o corpo humano? Quais estórias elas contam? Agora te convido, novamente, a usar nosso espelho, olhe atenta e demoradamente para a biologia que aprendemos e ensinamos. De que corpo falamos? Faça uma lista, tente rememorar, consegue perceber algo estranho, inquietante?

A maioria das imagens, nos materiais didáticos, são de homens, brancos, magros e sem deficiência. A imagem da mulher, branca, magra e sem deficiência, aparece junto ao ensino das genitálias, e com o objetivo de ensinar reprodução. Se essa é a estória contada, quais corpos ficam de fora do ensino do corpo dito humano? Parece que, nas aulas de biologia, criamos um humano inteligível, enquanto os demais são tornados ininteligíveis e impossíveis. Além disso, muitos desses corpos são apresentados de forma estática, fragmenta e sem vida. Acredito que muito

diferente daqueles que você imaginou ao olhar para a sala de aula.

Outras, estórias contadas em aulas de biologia são sobre corpos intersexo. Descritos como exceções, patologias, acidentes de nascimento, numa cultura ocidental binária, comprometida com a ideia de dois sexos como única possibilidade. Curiosa? Anne Fausto-Sterling, bióloga e pesquisadora feminista, nos propõem a ideia de cinco sexos, estima-se que 4% dos nascimentos sejam de pessoas intersexo, se pensarmos num lugar com 6000 pessoas, implicaria em 240 intersexos. Claro, que a sociedade, em especial a medicina, neste caso, opera de forma a eliminar esses corpos, por meio de cirurgias e controle hormonal, num desejo de encaixe nas normas binárias, de apenas dois sexos. Então podemos supor, que essas pessoas estejam na escola, e nós, professoras de biologia, contamos suas estórias em nossas aulas, e somos responsáveis pelo que tornamos visível ou silenciamos. Vale uma conversa mais profunda com Anne, para que, eu e você, possamos ampliar as possibilidades de existência.

Gostaria que conhecesse bell hooks, uma pessoa formidável que nos ensina a pensar as margens dos discursos, não como um espaço periférico, mas um espaço de resistência, possibilidades e criatividade. Ela também nos

fala da importância de compartilhar estórias que permitem questionar, desafiar e desconstruir a ciência hegemônica.

Você conhece a artista brasileira Rosana Paulino? E suas obras da série manguezal e jatobás? Dá um *Google*. Ela nos presenteia com imagens que relacionam vidas. As mulheres indígenas, quilombolas, ribeirinhas, são humanas, mas são também árvores e mangues, os mundos humano e não-humano se encontram, se fundem, permitindo pensar uma biologia relacional e coletiva. Sempre me pego pensando que Rosana é muito mais da biologia que nós. É impressionante como ela consegue olhar para a vida e diversidade. Vislumbra o que ainda não tomou corpo na biologia, mas nos dá pistas. Será a arte aquilo que nos falta para vermos melhor a vida e suas relações? É por essa fresta que devemos espiar? Jota Mombaça e Linn da Quebrada também podem nos ajudar, a ensaiar o fim do mundo como o conhecemos.

Chega o momento da despedida. Olhe novamente no espelho: para você, para as crianças e adolescentes daquela sala e para o ensino de biologia. Esse conjunto mostra a complexidade do mundo e das relações que nele brotam. Te convido, professora, a contar e ouvir estórias, pois a prática do diálogo é transformadora, e um dos meios mais simples

de cruzar fronteiras. As estórias precisam ser contadas e por diferentes pessoas.

Com carinho Bettina

O ENCONTRO COM UMA PRÁTICA BOLSEIRA AOS MODOS DE URSULA K. LE GUIN

Querida Ursula,

Escrevo-lhe embalado pelo ritmo de uma ciência lenta, aquela que avança na ponta dos pés, com delicadeza e cortesia pelos detalhes mais ínfimos e pelas singularidades que encantam o mundo. Sou um professor e pesquisador brasileiro que habita os territórios da Educação em Biologia e, nestas paragens tropicais onde a vida pulsa e se ramifica, suas palavras tornaram-se para mim um "portal", mudando constantemente a topografia das paisagens que se apresentam à docência e à Educação em Biologia. Encontro-me com sua *Teoria da Bolsa da Ficção* no exato compasso em que busco, junto a uma educação menor, cartografar invenções curriculares e experimentações com os gêneros e as sexualidades na formação de professores/as.

Por muito tempo, a cartografia reinante na Educação em de Biologia permaneceu aprisionada às narrativas heroicas, herdeiras das promessas do dimorfismo sexual, da anatomofisiologia e do determinismo

biológico. Essa perspectiva funciona como uma "Educação em Biologia Maior" - uma máquina de controle e regulação que atua como porta-voz dos legisladores, decretando leis severas, binarismos compulsórios e interdições sobre os corpos. É a história do Tecno-Herói e de sua flecha linear e assassina que, ao ser arremessada em linha reta, exige uma neutralidade fria, uma distância anestesiada que mata o espanto e esmaga as experiências dissidentes, as vidas transviadas e as linguagens menores. Esse heroísmo persegue o florescimento das diferenças, transformando a matriz biológica em uma arma de dominação e uniformização colonial que nos quer soldados de uma verdade única, e não amantes da multiplicidade.

Sua teoria, contudo, ofereceu-nos uma abertura, ao implodir a perspectiva dominante, ensinando-nos que a continuidade da vida sempre dependeu da coleta, do cuidado e do compartilhamento. Aprendi com você que a Biologia e a sua educação podem ser fundamentalmente uma bolsa de cultura em vez de uma arma de destruição. Ao deslocarmos o olhar da lança para o recipiente, para a folha, a cabaça, a rede, a mochila, a sacola, passamos a habitar os territórios escolares bolseiramente, saindo com uma sacola na mão para recolher e semear as

palavras da outra estória, a estória não contada, a estória da vida. Na bolsa espaçosa do fazer pedagógico, o herói bélico perde seu pedestal e seu pináculo; quando colocado dentro do saco junto às aveias selvagens, ele passa a parecer apenas uma batata ou um coelho, despido de sua centralidade tirânica.

Ao abrirmos essa sacola, Ursula, percebemos que falar de uma Educação em Biologia Bolseira não é apenas uma mudança de método pedagógico ou de conteúdo curricular; é, fundamentalmente, uma revolução do afeto, um compromisso ético-político com o cuidado e com a vulnerabilidade que nos devolve a capacidade de sermos afetados. Uma prática bolseira é feita com as mãos que colhem, e mãos que colhem precisam ser suaves, precisam tatear a fragilidade da vida sem esmagá-la.

Essa mudança metodológica e afetiva tem nos permitido praticar oficinas formativas com professores/as da Educação Básica, ocupando o lugar da escuta atenta, generosa e amorosa para coletar línguas menores e dar visibilidade a narrativas desprovidas de heroísmo. Essa prática bolseira nos convoca a uma ciência lenta, que opera na pedagogia da lentidão e se opõe à educação maior.

Em nossas andanças, retiramos de dentro da bolsa estórias potentes que subvertem a

rigidez taxonômica e celebram a estética da delicadeza e do detalhe. Enquanto a flecha busca o alvo grande, a bolsa acolhe o miúdo, a atenção aos detalhes, frequentemente, negligenciados. Olhamos para as simbioses invisíveis e para as brechas do cotidiano escolar. Contamos, por exemplo, a cena de uma sala de aula em que o questionamento de um estudante sobre a capacidade das ostras de mudarem de sexo desestabilizou a pretensa naturalidade da matriz biológica, entrelaçando-a em tessituras culturais e ativando indignações contra as normas vigentes. Semeamos também os ruídos de uma aula sobre o sistema digestório na Educação de Jovens e Adultos, na qual a pergunta e a resposta - *"Professora, existe homem com ovários? Sim, existem homens com ovários!"* - colocaram em fuga a expropriação heteronormativa, demonstrando que o afeto se materializa na pausa, no acolhimento da dúvida e no riso compartilhado que desarma o medo da exclusão.

A bolsa é um espaço de intimidade e proteção, um refúgio afetivo. Quando um estudante traz para a aula suas angústias sobre o próprio corpo e suas dissidências, guardar a estória daquele corpo junto às aveias selvagens significa dizer, sem palavras: *"Sua existência não é um erro da natureza; você cabe aqui, você faz*

parte da continuidade da vida". Esse olhar desperta uma sensibilidade estética em que o mundo deixa de ser um recurso a ser explorado pelo Herói e passa a ser uma teia de parentescos que nos convoca à responsabilidade e ao amor.

Essas pequenas e belas estórias, coletadas no miúdo das cotidianidades escolares e dos espaços de formação de professores/as, são ferramentas preciosas de sobrevivência e de esperança radical contra os movimentos reacionários e antidemocráticos que insistem em dizimar os modos de existência dissidentes. Ao escutá-las e compartilhá-las, ativamos pequenas redes coletivas que cerzem, imaginariamente, bolsas-espaços que albergam, fertilizam e protegem possíveis outros. Redes que sobrevivem como coletoras coletivas e tecem professores/as bolseiros/as que compreendem que ouvir e proferir esses sussurros nos ajuda a atravessar tempos tão complexos.

Agradeço-lhe, Ursula, por nos lembrar de que a estória não haverá acabado enquanto houver sementes para serem coletadas e espaço na bolsa das estrelas. Continuaremos por aqui, disfarçados de coletores, recusando a estória do assassino, para que não nos extingamos com ela, e estendendo nossas figuras de

barbante para manter os padrões abertos e acolhedores àquelas e àqueles que ainda virão.

Com o afeto de quem continua aprendendo a tecer e a coletar…

Com carinho
Sandro Prado Santos

"CARTA-DESABAFO-ESPERANÇA" AO/À ESTUDANTE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: (ou, sobre a necessidade dos tempos de cuidado)

Soure/Ilha do Marajó (Pará), final do inverno amazônico

Te peço licença para você que não me conhece mas que recebe uma carta. E logo uma carta...em tempos de mensagens de áudio aceleradas em 2x e de um mural infinito para visualização de notícias, uma carta necessita outro tempo para escrever e ler. Tempo de dedicação, tempo para sentir e permitir que a gente possa se perder em si e depois se encontrar para si.

A Ilha de Soure, uma das ilhas que compõem o Arquipélago do Marajó, tem sido um profundo território educativo e do sentir. Para além da confluência das águas dos rios (sendo o principal deles o Paracauari e o Pará) e o Oceano Atlântico, as águas das chuvas ainda caem para somar esse encontro. Se o nosso organismo é composto por cerca de 70% de água e se conseguimos estabelecer relações com o ambiente, as águas marajoaras confluem com as nossas águas internas. Nesse balanço

das águas, sigo balançando e percebendo outras pessoas que se balançam nas águas da educação e da docência.

Sentir que a docência nos atravessa em diferentes tempos e momentos, sendo os nossos (des)encontros com ela ocasionados por diferentes eventos e atos. Circunstâncias da vida que nos movimentam e que às vezes nos proporciona descobrir o gosto e a vibração por estar em sala de aula ou até mesmo fazendo com que queiramos nos afastar dessa forma de trabalho.

Mas educação é relação, coordenações de ações que por meio de estímulos se retroalimenta. Nem sempre por consensos, mas às vezes por meio dos dissensos é que passamos a nos localizar e situar o nosso corpo nesse ambiente.

Sempre mergulhados em memórias, sejam aquelas dos planos de aula ou dos (des)encontros que ocorrem. Chorar pelo desrespeito, agir para não ser violentado, silenciar para se cuidar, esperançar e resistir de alguma forma por acreditar. Quantos sentimentos podemos sentir em uma semana em sala de aula de diferentes níveis e modalidades de ensino? Quantas exigências nos são impostas, prazos, avaliações, indicadores e métricas que dificilmente capturam o desânimo que sentimos ao

perceber o silêncio do não interesse pelas atividades que foram planejadas ou o simples gesto de um aperto de mão e agradecimento ao final de um semestre letivo.

Talvez em muitas ocasiões você sentirá que o tempo se esvai como maré vazante em Lua Cheia. Que o planejamento de uma "aula inovadora" precisará ser mais uma vez adiado por conta de uma semana de avaliação para estabelecer indicadores que são mais usados como "capital político" do que estratégia para melhorar o sistema de educação. Sentirá talvez o cansaço da repetição, da exaustão nas correções de provas, da limitação de reconhecer que há situações para as quais você não foi preparado/a ou que está muito além de sua atuação.

Tem tempo que me percebo pensando sobre o tempo. Na Biologia aprendemos e internalizamos que estudamos sobre "a vida", ou melhor dizendo, sobre as múltiplas formas de viver. Mas será que o tempo da educação escolar conflui para os tempos das vidas? Será que o tempo de duas horas-aula conseguem capturar a sensibilidade de se perceber a mudança do tempo e das estações? Poderia uma aula de Ecologia capturar a sensação de escutar o primeiro canto dos sapos anunciando as chuvas? O tempo para a explicação de uma reação fisiológica seria o mesmo tempo que os

Guarás levam para mudar sua cor depois de tanto se alimentarem de pequenos caranguejos e herdarem deles próprios a sua cor vermelha? O vermelho-rubro herdado da transformação de uma vida para outra vida, pintando os céus e as águas, marcando diferentes tempos de existência e de habitar o mundo. Marcas que não são cicatrizes, mas disrupturas.

Tem tempo que não consegue se "comparar" a outro tempo. Por isso talvez confluir é tão desafiador. Quais os desafios que temos para confluir em nossos ambientes de ensino?

Algumas pessoas nos deixaram palavras escritas que nesse meu monólogo que pretende ser uma conversa contigo eu gostaria de compartilhar. Lembrei que Enrique Dussel, Humberto Maturana e Patricio Guerrero Arias, cada um em seu contexto, deixaram registrada a importância do "re-conhecimento do outro", das "coordenações consensuais de ações" e das "sabedorias insurgentes".

Re-conhecer "o outro" e permitir que se apresente da forma que realmente é, com os corpos transpassados por emoções em relações entre si e com o ambiente. O tempo de um/a educando/a não é o mesmo tempo de um/a educador/a. Em sala de aula às vezes me sinto atravessando as águas da Baía do Marajó nos meses do verão amazônico. Turbulentas,

entoando acordes dissonantes nas canções das ondas que se chocam na embarcação ou dos gritos de susto dos/as passageiros/as. Mas de alguma forma, por vezes os encontros confluem e a navegação por essas águas é realizada.

Mas o que você sente ao ler tudo isso até agora? Espero não ser invasivo, mas talvez algumas incertezas que você sinta para o seus primeiros estágios supervisionados nas escolas eu também tenha sentido. Pra ser sincero, talvez parte delas eu as sinta até hoje e apenas sigo encontrando outras formas de me navegar.

São tempos e já disse Thiago de Mello em seu poema *Como um Rio*: "*Se tempo é de descer, reter o dom da força sem deixar de seguir*". Assim espero que você siga, pois muitos/as também estão tentando seguir, às vezes retendo o dom da força, mas seguindo. Aqui em Soure, em algumas aulas, montamos uma Roda de Conversa para sentir o texto da bell hooks intitulado "Pedagogia Engajada". O texto está em um livro de sua autoria com um título sugestivo: "Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade".

É incrível como a maior parte das pessoas se identificam de alguma forma com esse texto escrito por uma mulher negra (como a maior parte das pessoas da cidade). Um texto que

expõe alguns desapontamentos que bell hooks passou e questionamentos do percurso dela na universidade. De tantas partes, uma sempre chama atenção: a necessidade de nos cuidarmos.

Portanto, espero que possamos seguir acreditando nas Ciências Biológicas e na nossa capacidade (re)construtiva, mesmo que para isso implique questionar algumas bases e situações históricas da Educação e da Biologia. Mesmo que para isso implique questionar o que acreditamos e já fazemos para com isso reconstruir. Mas tempos de (auto)cuidado são necessários.

Nivaldo Aureliano Léo Neto – "Caju"

CARTA ÀS DOCÊNCIAS,

Para começo de conversa, afirmo: quero muito bem a você que me lê. Escrevo esta carta porque fui convidado a, de alguma maneira, contribuir para a formação docente. E a minha contribuição, quero dar falando de modos de superação, vozes de esperança ou, singelamente, acalento diante de um mundo estranho, difícil, desafiador, *mas nosso*. Eu tenho vivido e experimentado estas coisas, especialmente, em lugares muito debatidos no último século e nestes 26 anos do século em que vivemos – o XXI. Estes lugares são a educação, a ciência, as relações de gênero e sexualidade. Sei que cada um(a) de nós vive e é tocado(a) de formas muito diferentes por estes e nestes lugares. É aquela coisa, ninguém vive a mesma coisa no mesmo lugar do mesmo modo. Com esta carta, quero compartilhar como sou tocado nestes lugares, ou, neste lugar. Abro um parêntese para dizer que estou convencido, junto ao Grupo de Pesquisa Corpo, Gênero, sexualidade e Educação – GPECS, da Universidade Federal de Uberlândia, que ciência, gênero e educação constituem um lugar.

A partir de agora não vou me referir a ciência, gênero e educação como lugares e sim como um lugar, e, fazendo assim, contribuir, nas palavras de Sofia Favero, para fazer um mundo poderosamente nosso.

Nosso, porque somos da partilha e admitimos a multiplicidade de existências e vidas vividas. No entanto, tenho visto e convivo com um grupo grande de gente, de universidade, de igrejas, de setores políticos, de bairros, territórios que não admitem estas multiplicidades. Essa gente e setores destas instituições negam multiplicidades sabidas e invisibilizam outras, com interesses bem mesquinhos e carregados de perversidades: manter a hierarquização dos direitos; manter a ideia de que alguns e algumas nasceram para usufruir de todos os direitos, outras e outros para acessarem precariamente e ainda uma outra grande massa para sequer saber da existência destes direitos, imagina acessá-los.

Quando escrevo **nosso** não estou falando da intenção de um grupo que deseja assumir o poder e exercer o controle sobre os outros, que se posicionam, inclusive politicamente, em posições antagônicas a nós. Estou falando que somos parte do planeta, somos presentes e presenteados no/por/dele. Assim, reconhecer, saber e fazer do planeta Terra nosso exige-nos a admissão da sua

diversidade/multiplicidade/singularidade e desejá-lo sempre mais florido, mais carregado de muitas estruturas germinativas. Queiramos sempre a proliferação de vidas, de modos de vida. Quando, enfim, nos aproximarmos de um mundo assim, ele será poderoso, e poderosamente nosso.

E o que está envolvido quando olhamos para educação, ciência, gênero, sexualidade e um mundo poderosamente nosso? Antes de sentar-me para escrever esta carta, ou enquanto a escrevia em minha cabeça, estava realizando atividades de um mutirão ligado ao movimento de expansão agroecológica em Uberlândia-MG: manejando bananeiras, abrindo berços para plantar rizomas e colhendo feijão-guandu e ingá. A escrevi não de maneira clássica - tendo o ócio como condição necessária; a escrevi envolvido em conversas com as plantas, com o solo, com o sol, com as águas, com as vozes e com os cantos dos pássaros. Estar ativo não nega o ócio, se se medita. Escrevi, para você, em meditação.

Até entender gênero, ciência e educação como um só lugar, eu vivi a experiência de pensar e ver em separado. Duas experiências de vida mexem comigo e com a minha estrutura de pensamento: a minha transição de gênero e os temas após meu amadurecimento

na pesquisa acadêmica (mestrado). O giro, não tenho dúvida, está na mudança da minha postura e disposição para olhar, sentir e pensar estes três conceitos-lugares. Ter cursado Filosofia aos 34 anos, primeira graduação, contribuiu para tal mudança de postura e disposição. Na graduação, fui apresentado a filosofias de pensadoras e pensadores e nunca eles e elas eram destaque das reflexões produzidas. Não me interessava muito saber das tradições das filósofas e filósofos, mas, somente, confrontar suas teorias com o mundo à minha volta e isso foi, por vezes, criticado. Eu deveria alcançar um estágio acadêmico que me autorizasse a pensar por conta própria e enquanto não o alcançasse não estaria em condições de fazê-lo. Teimoso, alguém que queria estar na academia, mas não trabalhava com a teoria, foi o rótulo que me colaram.

Confesso que após a transição de gênero, de modo inicial, minhas intenções estavam coladas ao apreço pelo lugar dado do "sexo oposto" e pelo que era atribuído como próprio. No entanto, tais intenções cederam lugar a uma disposição pessoal de me colocar para ser atravessado pelo mundo e isso me fez desconfiar das determinações sexuais e das expectativas sociais sobre meu corpo. Uma disposição que me levou a fazer um pacto (comigo) de levar ao maior número possível de

crianças o livramento das expectativas sociais e determinações sobre nossos corpos. Livrar-nos desses grilhões, nas palavras de João Nery, não nos torna "erros de pessoa".

A disposição e o pacto me destinaram ao mestrado em Educação e a um estudante transmasculino. Imaginava que no campo de pesquisa do mestrado só observaria conteúdos, metodologias e práticas pedagógicas; no entanto, me vi observando, sobretudo, corpos. O meu corpo, o corpo dele, os corpos docentes, os corpos escolares, os corpos que a ciência autorizava aparecer e aqueles que insistiam em existir apesar das tentativas de apagamento. E fui entendendo que pesquisar não é simplesmente permanecer diante da realidade, mas também deixar que ela me afete.

Ao final do mestrado, compreendi que a pesquisa não havia terminado. Ela mudou de forma: o ingresso no doutorado me carrega para este lugar: educação, ciência, gênero e sexualidade. Não houve ruptura, mas uma enxurrada que me lança no território fronteiriço da *Educação em Ciências Implicada*. O sentido de implicação tem a ver com a urgência intensa de que o(a) pesquisador(a) esteja no entre-fora-dentro do que pesquisa; de que a produção da ciência se realize com a presença dos corpos; de que os(as) pesquisadores(as)

nos entreguemos inteiramente ao mundo que desejamos compreender e transformar.

A implicação, como a compreendo hoje, não pertence exclusivamente a nenhum território de conhecimento e/ou ciência; pelo contrário, ela se apresenta quando esses territórios deixam de disputar legitimidade e e/ou impor hierarquia e passam a ser pensados e tomados como gestos/elementos de composição de uma grande música e objeto de arte que é a vida e o planeta. É nas filosofias que interrogam seus próprios fundamentos, nas artes que inventam sensibilidades ainda inexistentes e nas ciências dissidentes que recusam a neutralidade como máscara da exclusão que encontro companhia para caminhar e pensar a implicação. Na implicação, consegui defender o meu lugar de não privilegiar referenciais teóricos, mas harmonizá-los nos encontros com as pessoas. Pessoas que vivem aquilo que escrevem. Que colocam seus corpos em risco. Que transformam sua própria existência em laboratório ético. Elas estão por aí. Talvez você conheça algumas. Talvez seja uma delas.

Encontrei na Educação em Ciências um grande problema e uma grande saída. Encontrei belíssimas pessoas, com as quais vivo a possibilidade de criação de ambientes em que é possível experimentar a superação de

manifestações negativas relacionadas a gênero, ciência e educação. Ando com pessoas que fazem ciência e educação de modo implicado o tempo todo, formalmente ou no sentido vivido; sempre a serviço da vida. Uma produção ética terrena, onde a felicidade nunca é pensada de modo afastado da saúde dos rios, dos fungos, das florestas, das bactérias, dos animais e das pessoas. Afinal, não há vida boa sobre um planeta devastado, e aí está a Educação em Ciências implicada: ela nos ajuda a aprender que, para além de conhecer a origem do mundo, é preciso reaprender a pertencer a ele.

Raul Capistrano.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Matheus Augusto Ribeiro de Rezende – Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia, Campus Umuarama.
E-mail: matheus.rezende1@ufu.br

Matheus Moura Martins – Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor de Biologia da Escola Estadual Governador Israel Pinheiro, Ituiutaba/MG.
E-mail: martinsmatheusmoura6@gmail.com

Sandro Prado Santos – Minha formação em Ciências Biológicas e pós-graduação em Educação me levaram a passear por múltiplos caminhos com a Educação em Biologia. Mas na realidade moro nos domínios dos estudos de gêneros e sexualidade com as filosofias da diferença. Assim, em determinado momento, tais estudos se colocaram em pé de igualdade com a Educação em Biologia, evocando-me para que agenciassem juntos experienciando, com eles, as possibilidades de cartografar miudezas com o pulsar da vida. Por meio desse encontro me interesso pelos espaços de

criação de possíveis com a Educação em Biologia, gêneros e sexualidades. Atuo como professor no Instituto de Biologia (INBIO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Meu interesse está na possibilidade de pensar a educação e a formação de professores em Ciências/Biologia em sua condição *menor*: ativando outros modos de percepção, exercícios menores e inventando linguagens que falam no interstício de línguas maiores que engajem os corpos, os gêneros e as sexualidades.
E-mail: sandro.santos@ufu.br

SOBRE AS AUTORIAS

Alessandra Pavolin Pissolati Ferreira – Professora de Ciências na rede municipal de ensino de Uberlândia/MG. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e integrante do grupo de pesquisa Corpo, Gênero, Sexualidade e Educação (GPECS/UFU). Email: alessandra.pissolati@gmail.com

Bettina Heerdt – sou professora da UNICENTRO/PR, ministro aulas na graduação em Ciências Biológicas e na pós-graduação em Ensino de Ciências e na Educação. Sou líder do grupo de pesquisa COR(PO)DE: Comunidade Resistente de Pesquisas Outras Desobedientes em Educação e Ensino, Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais. Os referenciais teóricos mobilizados são feministas, interseccionais e de identidades científicas. E-mail: bettina_heerdt@yahoo.com.br

Dayana Brunetto - Graduada em Ciências – Habilitação plena em Biologia. Pós-doutora e pesquisadora em Educação, Gênero e Sexualidades. Professora do Setor de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPR. E-mail: dayanabrunetto@ufpr.br

Franklin Kaic Dutra-Pereira - Bicha, doutor, *professorpesquisador* no PPGE da UFPB. Cartografa currículos, diferenças e dissidências entre química, estudos culturais e teorias queer. Lidera o COM-FABULAÇÕES. Defende universidades que acolhem, incomodam e inventam mundos, apostando nas frestas para adiar o fim do mundo. E-mail: franklin.kaic@academico.ufpb.br

Keyme Gomes Lourenço – Doutorv e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), biólogv, pedagogv e pesquisadorv das relações entre educação, corpos, gêneros, sexualidades, plantas, pigmentos naturais e narrativas multiespécies. E-mail: keymelourenco@gmail.com

Maria Cláudia Dal'Igna - Pedagoga e doutora em Educação. Professora dos cursos de Licenciatura e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. Fundadora e diretora pedagógica do "Nós da Docência −

Ecossistema de Pesquisa, Formação e Carreira". Coordenadora do Lola – Grupo de Pesquisa em Trabalho docente, Gênero e Sexualidade. E-mail: mcdaligna@hotmail.com

Mariana Gabriele dos Reis – Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia e professora de ciências na Rede Municipal de Educação de Uberlândia, MG. E-mail: m.reis@ufu.br

Nivaldo Aureliano Léo Neto – "Caju" - Professor na Universidade Federal do Pará, campus Marajó/Soure, Faculdade de Ciências Biológicas. Coordenador do Laboratório de Etnobiologia e Educação Intercultural (LEEI). E-mail: nivaldoleo@ufpa.br

Raul Alvim Capistrano - caminha entre a filosofia, a educação e a agroecologia. É bacharel e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mestre em Educação pela mesma universidade. Atualmente, é doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisa modos implicados de existir e de produzir conhecimento, articulando educação, ciências, gênero, sexualidade e uma ética vinculada ao cuidado

com o planeta. Fora da universidade, realiza incidência política no campo da saúde LGBT+ e da população negra e quilombola e atua em mutirões agroecológicos, junto à agricultura familiar e a iniciativas voltadas à soberania alimentar e à regeneração dos biomas. E-mail: raulalvimcapistrano@gmail.com

Sandro Prado Santos – Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (PPGED/FACED) e Professor Associado do Instituto de Biologia (INBIO) da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: sandro.santos@ufu.br

Afinal, quais estórias habitam este livro bolsa? Ao percorrer as páginas desta obra, as pessoas leitoras serão provocadas por vozes docentes que se expõem, desabafam, teorizam e constroem redes de afeto que perpassam, inicialmente, olhares para o passado, para os corpos que desde a infância e a formação inicial se viram desacomodados pelas normas de gênero e sexualidade; os fazeres docentes na prática cotidiana, defrontando-se com as dúvidas, a rigidez do currículo de Ciências e a necessidade de fissurar o silêncio; posteriormente, fazem insurgir as perseguições, o pânico moral, as cicatrizes, mas também a recusa de ser cúmplice da violência; e encerram com saídas epistemológicas, éticas e agroecológicas/multiespécies.

Universidade Federal de Uberlândia
PROEXC
direc diretoria de extensão
PEIC

Pedro João Editores
pedrojoaoeditores.com.br

ISBN 9786526533017